

Espaços de paisagens em cidades turísticas: centros históricos e orlas do litoral do Paraná

Landscape spaces in touristic cities: historic centers and coastal areas in the state of Paraná

Espacios de paisajes en ciudades turísticas: centros históricos e orillas del Litoral do Paraná

Marcelo Chemin

marcelochemin@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná

Resumo: Estudos brasileiros sobre espaço turístico, em geral concentrados na figura do atrativo, têm projetado a fragilização do sentido estético da cidade e da paisagem tanto nas investigações acadêmicas quanto nos planejamentos decorrentes de sua aplicação prática. O artigo utiliza o constructo *espaço de paisagens* de Cauquelin como abordagem teórica e mecanismo de identificação alternativo de espaços turísticos em cidades do litoral do Paraná. Contextualiza teoricamente os temas paisagem e espaço turístico, e o conceito *espaço de paisagens*. Demonstra o processo metodológico que levou à seleção dos centros históricos de Paranaguá, Antonina e Morretes e as orlas de Caiobá (município de Matinhos) e Guaratuba como os cinco principais *espaços de paisagens* desta região, além de delimitação prévia.

Palavras-chave: Paisagem. Espaço turístico. *Espaços de paisagens*. Cidade. litoral do Paraná (Brasil).

Abstract: Brazilian studies on 'touristic spaces' generally focus on what is attractive and they have projected the weakening of the aesthetic sense of the city and the countryside, both in academic research and in the planning of its practical application. This paper applied the concept of 'landscape spaces' from Cauquelin as a theoretical approach and a mechanism for identifying alternative touristic spaces in cities along the coast of Paraná. It theoretically contextualizes the themes of landscape and 'touristic spaces' and the concept of 'landscape spaces'. It demonstrates the methodological process that led to the selection of the historical centers of Paranaguá, Antonina and Morretes and the coastal areas fringing Caiobá (Municipality of Matinhos) and Guaratuba as the five main 'landscape spaces' in this region, as well as their prior definition.

Keywords: Landscape. Touristic space. 'Landscape spaces'. City. Coast of Paraná (Brazil).

Resumen: Estudios brasileños sobre espacios turísticos, en general concentrados en la figura de la atracción, han proyectado la fragilización del sentido estético de la ciudad y del paisaje tanto en las investigaciones académicas cuanto en los planeamientos, producto de su aplicación práctica. El artículo usa el concepto *espacio de paisajes* de Cauquelin como abordaje teórica y mecanismo de identificación alternativo de

espacios turísticos en ciudades del litoral del Paraná. Contextualiza teóricamente los temas paisaje y espacio turístico, y el concepto *espacio de paisajes*. Demuestra el proceso metodológico que llevó a la selección de Centros históricos de Paranaguá, Antonina y Morretes y las Orlas de Caiobá (Municipio de Matinhos) y Guaratuba como los cinco principales *espacios de paisajes* de esta región, además de una delimitación previa.

Palabras clave: Paisaje. Espacio turístico. *Espacios de paisajes*. Ciudad. Litoral del Paraná (Brasil).

INTRODUÇÃO

No Brasil, o processo de planejamento dos espaços turísticos costuma se concentrar na tradição de inventariação, que exalta o papel e confere superexposição a figura dos atrativos turísticos. No âmbito da gestão pública, essa tradição se fortaleceu após a década de 1990, com a emergência da Política Nacional de Municipalização do Turismo, e na academia por meio da aceitação de teorias do espaço turístico, como a de Boullón (1985). Inventariar consiste justamente na identificação, catalogação e potencial distribuição espacial da oferta turística, em que os atrativos ocupam o topo hierárquico, pois reconhecidamente fundam espaços turísticos.

Repercute dessa tradição, instalada em inúmeros processos de planejamento, uma técnica de análise que estimula a interpretação espacial atomizada. De um modo porque fixada na figura do atrativo, como ente autônomo da paisagem e portador de significados fechados em si mesmos. Por outro, porque quando dispensa atenção a objetos isolados e bem demarcados, perde nas relações contextuais da paisagem. Contudo, é justamente a tradição de inventariação, e sua lógica fragmentária, que vêm educando e regulando o olhar e o saber de inúmeros profissionais. Na ótica da gestão do espaço turístico, o predomínio de lógicas fragmentárias como referência abre uma lacuna com desdobramentos mais claros em duas direções: (a) os estudos de suporte ao planejamento, especialmente diagnóstico, promovem contextos vazios de paisagem, o que se revela um paradoxo, haja vista que para as práticas sociais do turismo, a paisagem assume condição de recurso vital; e (b) estes mesmos estudos de suporte ao planejamento e à gestão são insuficientes para a compreensão da identidade visual e de perfil fisionômico dos espaços turísticos.

A partir desta asserção, avalia-se a configuração de um problema de natureza teórica, advindo da adoção de lógicas fragmentárias para conhecimento dos espaços turísticos, e das relações que estes mantêm com a cidade e a paisagem. Nesse sentido, o artigo objetiva registrar e contextualizar os resultados de pesquisa¹ sobre a constituição fisionômica de espaços turísticos em cidades turísticas do litoral do estado do Paraná, na região Sul do Brasil. A identificação desses espaços turísticos deriva de uma abordagem alternativa, fundamentada na operacionalização do constructo teórico *espaço de paisagens*

1 Desenvolvida entre 2007-2011 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (Doutorado).

(CAUQUELIN, 2008), que referencia o estudo da paisagem como forma simbólica. Trata-se de recurso conceitual que instiga observar os espaços reconhecidamente turísticos exatamente porque portam atributos estéticos presos às características de paisagem.

Em síntese, estão registrados neste texto os resultados da pesquisa supracitada a respeito da seguinte questão: quais são os principais *espaços de paisagens* do litoral paranaense? No plano teórico, o texto discute relações temáticas entre paisagem e o espaço turístico e reflete sobre o conceito *espaço de paisagens*, como perspectiva para o estudo de espaços turísticos urbanos. Na sequência, no plano metodológico, expõe as técnicas e estratégias utilizadas para a seleção dos cinco principais *espaços de paisagens* identificados no conjunto das sete cidades do litoral paranaense, a saber: centros históricos de Paranaguá, Antonina e Morretes; orlas de Caiobá e Guaratuba. Por fim, apresenta uma delimitação espacial prévia dos centros históricos e orlas como *espaços de paisagens*.

PAISAGEM E A COMPREENSÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO

Espaços turísticos nascem, difundem-se e se reafirmam continuamente na percepção social através da circulação e reprodução de imagens, bem como de representações de paisagens. Uma rápida consulta em revistas, sítios eletrônicos e anúncios do mercado de viagens é suficiente para demonstrar a infatigável relação entre paisagem e as práticas sociais que fundam e consolidam espaços turísticos. No plano acadêmico e mais próximo de associações com o fenômeno do turismo, Urry (2001) e Nogué (1989) são responsáveis por caracterizações históricas bastante consistentes a respeito dessa relação fundamental. Contudo, mesmo que a paisagem esteja repetidamente debatida na literatura como recurso turístico (BOULLÓN, 1985; BOMBIM, 1987; PEARCE, 2003; YÁZIGI, 2001, 2002, 2003, 2009), mediadora de complexas interações entre o campo simbólico e a configuração de espaços (CAUQUELIN, 2008), esta condição não reflete ou tem sido posicionada com a devida importância nas práticas de planejamento e gestão turística das cidades.

Numa perspectiva de teorização da paisagem e do espaço turístico, parece então haver um nítido descompasso entre dois pontos, que por coerência deveriam melhor interagir. O primeiro se refere ao reconhecimento e uso elementar da paisagem como recurso turístico, em dinâmicas de fundo cultural, que evocam lógicas estéticas de ordem visual, relacionadas à cidade como objeto de fruição. O segundo ponto corresponde ao “pensar”, no sentido de saber elaborado, técnico e profissional, voltado ao interesse de compreensão teórica do espaço turístico. Em geral, as técnicas empregadas para conhecimento do espaço turístico, em alguma medida validam o contido no primeiro ponto, todavia, quando balizadas por abordagens fragmentárias, acabam por se distanciar de aspectos essenciais da noção de paisagem.

Isto posto, a inventariação se mostra como a técnica mais difundida para o conhecimento de espaços turísticos. Apesar de não negar a paisagem da cidade como objeto estético, uma vez que registra seus atrativos (convencionados), esta técnica promove uma nítida redução nesta perspectiva. Nesse contexto, o “pensar” intermediado por técnicas

que privilegiam leituras fragmentárias do objeto tende a inviabilizar níveis qualificados de compreensão de tal espaço. Todavia, o risco maior que emerge neste cenário é o afastamento entre o “pensar”, e as práticas dele derivadas, e a complexidade e importância da paisagem para o fenômeno do turismo.

Frente a isso, oportunidades de análise e de compreensão do espaço turístico podem se estabelecer a partir da paisagem, em princípio, com atenção às seguintes premissas:

Imperativo ontológico - esta primeira premissa evoca a paisagem como um objeto cultural complexo, constituído historicamente. No ocidente, desenvolve-se mediada pela representação artístico-pictórica do mundo na arte renascentista do início do século XV (BOMBIM, 1987; NOGUÉ, 1989; COSGROVE, 1998; SALGUEIRO, 2001; CLAVAL, 2004; CAUQUELIN; 2008). Decorre dessa perspectiva uma compreensão da paisagem como “noção-percepção” (CAUQUELIN, 2008), que estabelece para a percepção social um veículo de leitura cultural do mundo, responsável pela projeção e articulação de sensações, emoções, desejos, comportamentos e, sobretudo, práticas sociais.

Por esse viés, a paisagem corresponde a um modo de ver e sentir o mundo. É portadora de noção, regras de composição e esquemas simbólicos, articulados historicamente. O estudo da paisagem, mais do que descrição de um conjunto de formas visíveis, consiste na análise de um objeto cultural, carregado de convenções. Por sua natureza, o estudo da paisagem requer atenção com “armadilhas”, decorrentes de uma falsa aparência que a classifica inicialmente como um tema de aprendizagem evidente ou equivalente fiel da projeção da realidade, já que captado pelo sentido da visão, seguindo Cauquelin (2008, p. 21), “nossa crença mais inabalável”. Desafio distinto derivado deste ponto é aceitar a ausência de autonomia em relação à observação da paisagem, uma vez que a figura do observador capta não a realidade ou a exterioridade, mas sim a sua “própria fábrica intelectual” (p. 21), ou seja, um filtro, que determina e ensina formas, panoramas e medidas para a percepção:

Da Grécia a Roma, de Roma a Bizâncio, de Bizâncio à Renascença, foram produzidas certas formas que regem a percepção, orientam as avaliações, instauram práticas. Estes perfis perspectivistas passam de um para o outro, desenhando “mundos” que, para aqueles que os habitam, têm a evidência de um dado (CAUQUELIN, 2008, p. 32).

Nesse sentido, exige-se atenção ao fato da cultura figurar como um agente modelador da percepção, com interferências diretas sobre a autonomia e criatividade do observador.

Multiplicidade conceitual - a exemplo de outras palavras, há uma polissemia fixada à paisagem, responsável por tensões conceituais e semânticas, em geral divergentes em dois principais sentidos, o científico e o artístico. Com efeito, estudos da paisagem exigem conhecimento mínimo dessas divergências como meio de delimitação da investigação. Frente à ausência de unidade conceitual, vale recorrer a Bombim (1987) e Jordana (1992), que sistematizaram três enfoques para os conceitos de paisagem:

(a) estético - compreende alusões sobre a harmonia entre formas e cores do território, seja a partir da representação ou do sujeito. Trata-se do enfoque mais primitivo e intuitivo, de associação direta com aspectos perceptivos e sensoriais do ser humano. Sob este enfoque é possível verificar e avaliar a paisagem como representação, inclusive com a captação de impactos provocados no observador.

(b) ecológico e geográfico - trabalha a paisagem como resultado de um conjunto de elementos inter-relacionados. Este enfoque costuma basear interpretações científicas, sobretudo as vinculadas às ciências naturais, onde a paisagem é tratada como objeto que representa visualmente a evolução conjunta de elementos físicos e biológicos que a constituem.

(c) cultural - dá suporte para análises que abordam a paisagem como cenário das atividades humanas, e que atua como testemunho histórico e recurso passível de transformações permanentes empenhadas pelo homem. Reconhece que a atuação humana parte de uma base (meio natural), transformada continuamente por dinâmicas socioeconômicas, das quais o homem, influenciado por seu meio cultural, é o principal agente modelador.

Componentes da paisagem - de acordo com Bombim (1987), há três diferentes componentes passíveis de investigação. O peso ou direcionamento a cada um dos componentes ou mesmo apostas de análise que promovam enlances dependerá das intenções do trabalho. O primeiro e fundamental componente para a existência da paisagem é o *homem*, que a capta através dos seus sentidos, interpreta e avalia os significados que evoca. Pesquisas sobre esse componente tendem a adotar a perspectiva fenomenológica. O segundo corresponde ao *espaço visual*, que é representado pela porção territorial, de modo que investigações sobre este componente em tese privilegiam a ideia de “cenário”. A *percepção*, terceiro componente, é o elemento mediador entre o *espaço visual* e o *homem*, agente da observação.

Abordagens da literatura científica - corresponde a uma premissa chave para a definição do referencial teórico de qualquer estudo. Assim, despontam três eixos que agrupam as abordagens mais comuns para estudos das interfaces entre paisagem e o fenômeno do turismo.

(a) Paisagem como externalidade - viés que a analisa como “recurso” ou “cenário”. A paisagem é abordada como projeção do ambiente, seja ele cultural ou natural. Estudos nesse eixo verificam as potencialidades e vocação turística da paisagem, a organização ecossistêmica, capacidade de suporte, arranjos e conjuntos patrimoniais (BOMBIM, 1987; NOGUÉ, 1992; CERRO, 1983; PIRES, 2005).

(b) Fenomenológica - dá ênfase à produção subjetiva que observadores (empreendedores, promotores, autoridades governamentais e do terceiro setor, entidades de classe e os próprios turistas) realizam diante da paisagem. Costuma ser investigada em dois níveis distintos, conforme corrobora Kohlsdorf (1996): o *nível da percepção* (efeitos topológicos e perspectivos) e o *nível da imagem mental* (representação projetiva e euclidiana). Nesse eixo estão situados também estudos de avaliação e preferência da paisagem (NOGUÉ, 1989 e 1992; BERNALDEZ, 1981, p. 181-219).

(c) Integrativas - principalmente encontradas em autores como Yázigi (2001) e Urry (2001). Yágizi (2001, p. 34) compõe os dois eixos anteriormente expostos ao estabelecer uma cooperação conceitual entre *paisagem* e *lugar*: “Ao se pensar na estrutura da personalidade do lugar, a paisagem assume especial destaque, pois é precisamente dela que nos chega muito da percepção”. Urry (2001) interliga os dois eixos na categoria *olhar do turista*, na qual demonstra que a paisagem possui uma relação ontológica com o fenômeno social do turismo. Para o turista em si, a paisagem é referência que comporta padrões de percepção, valores e significados. Para as destinações e seus atores sociais, a paisagem é um recurso para comunicação visual das atrações contidas no espaço, quando não a principal atração.

Sentido social da percepção - observada como construção social, a percepção é o mecanismo chave para a compreensão das dinâmicas que estabelecem significados para a paisagem. Reside nesta premissa os fundamentos que elevam a paisagem como forma simbólica, por isso potencial recurso turístico (PEARCE, 2003; NOGUÉ, 1989; BOMBIM, 1987).

Segundo Nogué (1992), o processo de percepção articula e inter-relaciona três fases. A primeira fase é de operação da *experiência sensorial*. Nela, os sentidos humanos atuam para captar o que está no entorno do observador. A segunda refere-se à *cognição*, compreende o conjunto de processos pelo qual o observador estrutura e organiza a informação recebida pelo instrumento sensorial. Interligada a essas duas fases está a de *avaliação ou preferência*, em que se delineiam atitudes e preferências em relação ao que é apreendido. Nessa linha, Nogué (1992) e Jordana (1992) explicam que a percepção e a interpretação da paisagem são influenciadas e condicionadas por fatores próprios ao indivíduo (sensitivos, emotivos, afetivos, formas de observar, capacidade fisiológica, potencial imaginativo) e fatores culturais, construídos na ótica social (padrões educativos, culturais e estéticos; representações).

Nogué (1992) menciona que qualquer elemento de paisagem (p. ex. lago, bosque, montanha, outros) possui realidade, espacialidade e temporalidade objetivas e próprias, independentes da observação humana. Contudo, quando percebidos, são codificados simultaneamente por filtros pessoais e culturais. Com efeito, sem deixar de ser o que são objetivamente, esses elementos de paisagem são impregnados de significados e valores e se convertem em símbolos. A suscetibilidade ao preenchimento ou esvaziamento semântico emerge como matéria de alta relevância para a vitalidade e perenidade de espaços e paisagens turísticas.

ESPAÇOS DE PAISAGENS: PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DE ESPAÇOS TURÍSTICOS URBANOS

Nesta reflexão, os espaços turísticos traduzem um modo de ver, selecionar e classificar porções demarcadas no corpo da cidade, julgadas propícias às práticas turísticas, especialmente as que envolvem fruição da paisagem. Em linhas gerais, trata-se de um

processo de pinçar recortes espaciais que projetam paisagens “adequadas” aos padrões simbólicos do turismo, costumeiramente articulado em torno da figura convencional dos atrativos ou “pontos turísticos”. Vale notar, contudo, que mesmo definido por convenções, este processo tem origem numa operação estética de ordem visual, que revela (e reproduz) valores, padrões e esquemas culturais, efetivamente validados pela paisagem.

Sob este ângulo, estudos e análises a respeito dos espaços turísticos que levem em conta tão somente a distribuição e concentração espacial de atrativos não parecem ser suficientes para uma compreensão teórica mais completa e aprofundada desta tipologia espacial. Por extensão, no meio técnico do planejamento é sabido que conhecimento superficial do “objeto” tende a inviabilizar níveis qualificados de gestão.

Nesse contexto, entende-se como oportuno investir em perspectivas teórico-conceituais e técnicas que ampliem a possibilidade de conhecimento (i) da fisionomia e identidade visual de espaços turísticos, (ii) das relações presentes e características de paisagem dessa tipologia espacial, (iii) das relações de paisagem decorrentes da integração desses espaços no contexto da cidade.

Para tanto, uma alternativa foi ensaiada na pesquisa que este artigo comunica a partir da adoção do conceito *espaço de paisagens*, interpretado em Cauquelin (2008). Avalia-se como um conceito promissor porque mantém sintonia com as cinco premissas trabalhadas no item (2) e com a paisagem como forma simbólica (CAUQUELIN, 2008), vinculada a um estatuto complexo, imbricado ao sentido social da percepção e regimes óticos e culturais, nascidos na Renascença.

Cauquelin (2008) demonstra como sensações, emoções, desejos, comportamentos e hábitos advêm de imagens e representações de paisagens e implicam re-configurações de “novos” espaços de convívio e do interesse social. Em princípio, este fenômeno cultural é caracterizado por Cauquelin (2008) ao redor dos códigos e padrões culturais incorporados às pinturas da natureza (precisamente, uma noção de natureza), que a traduziram como veículo capaz de estimular a sensibilidade social e instaurar práticas e novos ambientes de relaxamento, lazer e fruição. No Romantismo e Impressionismo, por exemplo, a pintura e literatura exaltaram a aproximação da vida social dos espaços naturais, com idealizações sobre passeios ao ar livre, em parques, lagos, montanhas e praias. Inúmeros espaços, alguns antes hostis, mediante ressignificação passaram a “existir” como espetáculo e palcos de práticas, hábitos e ritos sociais.

Mais recentemente, Cauquelin (2008) avalia que a noção e as práticas relacionadas à paisagem se ampliam em duas direções. A primeira provém de uma aproximação com a ecologia, em que “ambiente” se transformou em palavra chave. Uma segunda ampliação se traduz na criação permanente de *espaços de paisagens*, derivados e promovidos por paisagens híbridas e mestiçadas, obtidas com a interação entre pintura, escultura, fotografia, vídeos, jogos, outros, que potencializam seus efeitos sobre a dimensão sensível. A paisagem continua então a educar o olhar e a sensibilidade, contudo, no mundo contemporâneo Cauquelin (2008) destaca o papel do aparato tecnológico e da comunicação na educação da própria inteligência das coisas e os laços entre elas. Os novos padrões que surgem, organizam objetos, a apresentação do espaço, a disposição do conteúdo e propriedades, por isso, noções de paisagem são substancialmente alteradas e alargadas.

A partir do descrito, interpreta-se que *espaços de paisagens* representam recortes espaciais da cidade que projetam paisagens de distinto valor social e simbólico para práticas do turismo, em especial as que envolvem experiências estéticas de fruição visual. Em um primeiro momento, a demarcação de *espaços de paisagens* incorpora elementos próprios de inventariação e das teorias do espaço turístico, já que segue pistas derivadas do reconhecimento de objetos (atrativos turísticos convencionados ou não) do corpo da cidade, indicados para fruição visual.

O conceito instrumentaliza uma leitura espacial diferenciada, que considera a distribuição espacial e outras relações territoriais derivadas, todavia, dá vigor ao papel da paisagem, com a valorização de adjacências. Corresponde a um modo de “entrar e conhecer” espaços turísticos por meio da paisagem, de interpretá-los por dentro e conhecer a forma como se inserem nas cidades. Para tanto, a leitura espacial intermediada pelo conceito *espaços de paisagens* exige momentos subsequentes, com elaboração de recursos teórico-conceituais, técnicas e estratégias complementares. Neste sentido, é que se considera pertinente e relevante apresentar e discutir a experiência que deriva da pesquisa deste autor. (CHEMIN, 2011).

A IDENTIFICAÇÃO DE ESPAÇOS DE PAISAGENS

A operacionalização do conceito *espaços de paisagens* altera o sentido e a abordagem teórica do espaço turístico. Embora pareça uma relação de análise que coloca um como espelho do outro, trata-se a rigor de uma leitura do espaço turístico condicionada, em princípio fundamental, pela promoção da paisagem. Assim, a aplicação desse conceito requer a observação de espaços que nascem e se sustentam com o status “turístico” em razão da paisagem que projetam. A pesquisa que este artigo comunica, delineada como um estudo de caso múltiplo, estabeleceu como objetivo de sua primeira etapa a identificação de *espaços de paisagens* nas cidades do litoral paranaense. Depois de identificados, passaram a ser considerados unidades de análise e ou casos de estudo, conforme questões e referencial teórico-metodológico.

Em linhas gerais, o processo que define *espaços de paisagens* reconhece inicialmente a publicidade turística como instrumento profícuo para captação e identificação de paisagens socialmente valorizadas, emblemáticas e convencionadas com status de atraentes. Num segundo momento, exige a organização de uma coletânea diversificada de material publicitário (guias, mapas, catálogos, *folders*, outros), tanto impressos como disponíveis na *internet*, de abrangência e projeção mesclada (local a internacional). Na sequência, é preciso lançar esta coletânea como objeto de análise exploratória e de conteúdo, esta última técnica complementar.

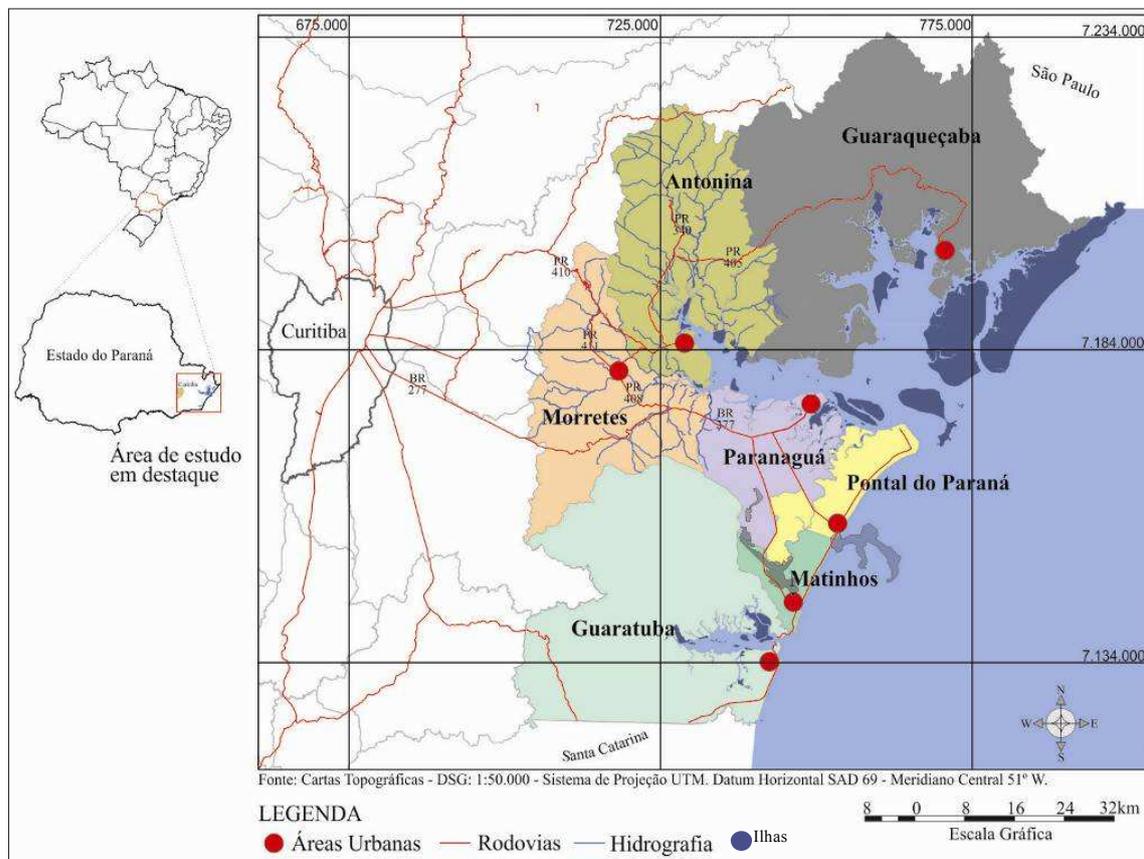
Elementos textuais e iconográficos (mapas, fotografias, figuras, ilustrações) são analisados com a finalidade de levantamento das principais indicações e apelos de atratividade turística relacionados à paisagem urbana. O resultado obtido é um conjunto de informações e evidências relativas a elementos e porções urbanas com alto destaque

turístico, sendo os *espaços de paisagens* aquelas porções com maior volume de indicações, estímulos e projeções emblemáticas.

ESPAÇOS DE PAISAGENS NAS CIDADES DO LITORAL PARANAENSE

No conjunto das sete cidades do litoral paranaense (Figura 1), foram identificados como os principais *espaços de paisagens* os centros históricos de Paranaguá, Antonina e Morretes e as orlas de Caiobá (Município de Matinhos) e Guaratuba. São estas cinco porções urbanas que retratam e evocam, em termos de representação textual e iconográfica, o teor do presente conceito. Na sequência, as 3 (três) fases que integram este processo de identificação são descritas.

Figura 1 - Localização das cidades do litoral paranaense



Org.: Marcos Miara e Marcelo Chemin (2010).

A efetivação da primeira fase se deu com a organização de uma coletânea de 12 (doze) materiais publicitários impressos e disponíveis na *Internet*. Material este obtido junto aos órgãos oficiais de turismo dos municípios e do estado (Secretaria de Estado do Turismo/ Paraná Turismo). Nesta fase de pré-análise, foram considerados guias, catálogos, mapas turísticos e folhetos. A exploração do material selecionado consistiu na segunda fase. A comunicação publicitária tornou-se então o núcleo da análise, sendo apreciada em intenções, características e apelo turístico, vinculados à paisagem das cidades alvo (Quadro 1).

Quadro 1 - Material informativo e publicitário examinado para identificação dos principais *espaços de paisagens* das cidades do litoral do Paraná.

Item	Natureza/ nome	Órgão resp.	Abrangência	Ano da edição	Conteúdo
1	viajeaqui.abril.com.br 4 Rodas, National Geographic, Viagem	Editora Abril	Nacional	2010	Para o litoral do Paraná, este guia referencia Antonina, Morretes, Paranaguá, Matinhos e Caiobá, Guaratuba e Guaraqueçaba. Indica meios de hospedagens, restaurantes e atrações, além de mapas e sistemas interativos de orientação geográfica e definição de rotas, entre outros serviços.
2	Guia Turístico do Litoral	SETU (PR)	Regional	2010	Guia turístico capitulado por município. Informa em texto: histórico, acessos, "o que visitar", "onde dormir", "onde comer", serviços turísticos, informações turísticas, além de mapas ilustrativos e fotografias dos municípios do litoral paranaense.
3	Guia - Paraná Roteiros Turísticos	SETU (PR)	Estadual	Sem informação	Guia de roteiros estaduais. Capitulado por região, algumas temáticas (ex.: Curitiba e região metropolitana como "Rotas do Pinhão"). Sugere roteiros e agências. Apresenta textos de apoio, mapa estadual das regiões turísticas. É ilustrado com fotografias.
4	Catálogo Litoral do Paraná	SETU (PR) e SEBRAE	Regional	2008	Divide-se em duas partes. Na primeira, os capítulos são definidos por segmentos (ecoturismo, aventura, cultural, gastronômico, religioso, náutico, pesca, negócios e eventos, lazer, sol e praia), divulgados por textos de apoio. Na segunda parte, apresentam-se os municípios com seus atrativos e principais serviços. Ilustram o catálogo mapas e fotografias.
5	Mapa - Paraná Surpreendente - Regiões turísticas do Paraná	SETU (PR), SEBRAE e MTUR	Estadual	Sem informação	Mapa das 10 regiões turísticas do Paraná com indicação de segmentos turísticos praticados por região. Fotografias apoiam os textos e mapas.
6	Mapa Litoral do Paraná	SETU (PR)	Regional	Sem informação	Mapa pictórico do litoral paranaense, com desenhos em destaque dos principais atrativos e símbolos regionais. Indica as principais atrações contidas nos municípios e locais para informações turísticas.
7	Folder Litoral do Paraná	SETU (PR), MTUR, outros.	Regional	2008	Divulga em texto os principais segmentos do turismo praticados no litoral do Paraná. Possui mapas de localização e principais acessos, sugere agências. Fotografias ilustram o material.
8	Site Adetur Litoral (adeturlitoral.com.br)	ADETUR	Regional	2010	Apresenta os principais destinos do litoral paranaense. Em cada destino informa acessos, "pontos turísticos", serviços, eventos, galeria de fotos, roteiros e informações úteis. Também há opção para consulta por segmento. Conta com textos, fotografias, mapas.
9	Mapa/ Guia turístico de Guaratuba	Prefeitura de Guaratuba	Municipal	Sem informação	Enfatiza em texto e fotografias os principais atrativos turísticos do município. No mapa "turístico", indica acessos, distâncias, principais serviços e atrativos.
10	Mapa turístico Cultural Conhecendo Morretes	Prefeitura de Morretes	Municipal	Sem informação	Informa em texto os principais atrativos do município. Disponibiliza uma grade de horários de transporte de ônibus e trem. O mapa apresenta informações sobre acessos, "o que visitar", "onde comer", "onde dormir" e demais serviços turísticos e de apoio.
11	Guia turístico Conheça Paranaguá	Prefeitura de Paranaguá	Municipal	Sem informação	Indica os principais segmentos do turismo do município: ecoturismo, náutico, religioso e histórico-cultural. Os textos informam os principais atrativos associados aos segmentos. Fotografias e mapa ilustram o guia.
12	Guia Receptivo de Antonina	Prefeitura de Antonina	Municipal	Sem informação	Informa os principais atrativos turísticos do município. Conta com mapa turístico da planta urbana, com referência aos atrativos e fotografias ilustrativas.

Org.: O autor (2010).

Na sequência, a aplicação da análise de conteúdo (BARDIN, 2010; YIN, 2010; MARTINS, 2008) como técnica de apoio permite a coleta de evidências compatíveis com o conceito *espaços de paisagens* e, ao mesmo tempo, suficientes à terceira fase, correspondente à interpretação das áreas urbanas mais adequadas a esta perspectiva de estudo. A aplicação da técnica de análise de conteúdo permite ainda o exame objetivo de textos, fotografias e mapas que estruturam os materiais selecionados (Quadro 2). As informações seguintes são complementares para a compreensão das etapas do processo:

- a) Dados e informações de caráter textual e iconográfico requerem observação, vinculada à representação da paisagem urbana como atração turística central ou secundária;
- b) Indicações precisas e diretas à paisagem como atração turística precisam ser verificadas com precisão, bem como, apelos turísticos indiretos para elementos da cidade, desde que apresentados como atrativos visuais.
- c) Despontam para classificação as áreas urbanas referenciadas como portadoras de paisagens valorizadas e exaltadas, apresentadas como espetáculo, realçadas ou indicadas à fruição turística, principalmente visual.
- d) As áreas urbanas proeminentes em relação ao contido em (a), (b) e (c) despontam como *espaços de paisagens* ou casos de estudo potenciais.

Quadro 2 - Síntese das evidências relativas à paisagem urbana contidas nos materiais publicitários estudados

Item*	Principais evidências turísticas relacionadas à paisagem urbana
1	Menção ao “centrinho histórico de Antonina”, “praia urbanizada” de Caiobá, “construções históricas bem preservadas” de Morretes, centro histórico de Paranaguá – com “cerca de 400 imóveis (a maioria carece de conservação)”.
2	Sugere e mapeia a visitação em igrejas, prédio da prefeitura, praças e setor histórico para Antonina; casario colonial de Guaraqueçaba; praças, largo, fonte e igreja em Guaratuba, destaca a praia central; calçadão da praia de Caiobá, “balneário mais requintado” de Matinhos; Rua da Flores, Marco Zero, igrejas, estação ferroviária de Morretes; inúmeros prédios históricos de Paranaguá que abrigam instituições (museu, clube, prefeitura, cine teatro, outros), igrejas – concentrados no centro histórico; calçadão e balneário de Praia de Leste em Pontal do Paraná.
3	Os roteiros destacam os principais atrativos da região. Os atrelados à paisagem urbana sugerem o centro histórico de Morretes; exaltam imagens do balneário de Caiobá e a Rua da Praia no centro histórico de Paranaguá.
4	Atribui destaque ao casario presente nos centros históricos de Morretes (principalmente margens do Rio Nhundiaquara na área urbana e Rua das Flores), Antonina e Paranaguá. Destaca as orlas da Praia Central de Guaratuba e Caiobá em Matinhos.
5	Destaque para o casario presente no centro histórico de Morretes.
6	Destaque para a orla de Caiobá, centros históricos de Morretes, Guaraqueçaba, Antonina; Rua da Praia, Mercado municipal de Paranaguá.
7	Destaque para o casario de Antonina e orlas de Caiobá e Guaratuba.
8	Repete as indicações constantes no item 2.
9	Indica ênfase para a Praia Central e Praça da Igreja Matriz de Guaratuba.
10	Mapeia e sugere visitas ao centro histórico, apresentado como “retrato do passado” e “belíssimo cenário” que enfeita as ruas da cidade.
11	Apresenta mapeamento de monumentos do centro histórico e destaca a Rua da Praia.
12	Concentração de atrativos na planta urbana e fotografias de diversos arranjos da cidade que expõem edificações e conjuntos arquitetônicos de valor histórico.

Org.: O autor (2010).

*Material publicitário analisado no Quadro 1

Como visto, após três fases de análise, despontaram como principais *espaços de paisagens* das cidades do litoral do Paraná três centros históricos (Paranaguá, Antonina e Morretes) e duas orlas (Caiobá e Guaratuba).

DELIMITAÇÃO ESPACIAL DOS ESPAÇOS DE PAISAGENS

Na sequência, apresenta-se a proposta de delimitação prévia dos *espaços de paisagens*, que definem polígonos baseados nas indicações e evidências derivadas do contido no item anterior.

Centros históricos como *espaços de paisagens*

O centro histórico de Paranaguá é o primeiro *espaço de paisagens* identificado. De acordo com registros da publicidade turística, o centro histórico é exaltado turisticamente porque oferta uma paisagem histórica, de relevância fundamental à compreensão de formação do estado do Paraná. O município, polo regional, abriga 52,9% da população do litoral paranaense, num total de 140.450 hab, sendo 135.405 hab na área urbana e 5.045 hab na área rural, o que projeta grau de urbanização de 96,41% (IBGE, 2010).

Instalada como unidade administrativa em 1648, após desmembramento de São Paulo, Paranaguá² (antes Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá) teve o início do povoamento próximo da Ilha da Cotinga, por volta de 1550, posteriormente (1575-1580) foi transferido para a margem esquerda do Rio Taquaré, atual Itiberê. (IBGE, 2010; FOGASSA, 2007; WACHOWICZ, 2001). Nesta paisagem histórica, sobressai: malha urbana originada no século XVII e XVIII; inúmeras edificações de valor histórico e artístico, algumas das quais ocupadas por instituições e equipamentos culturais; densidade de monumentos, principalmente religiosos e históricos. No geral, os elementos deste acervo são apresentados como atrativos turísticos para fruição visual.

O polígono que delimita uma prévia deste *espaço de paisagens* (Figura 2) circunscreve o seguinte: Mercados do Artesanato e do Café, Antigo Mercado Municipal; Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá; Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá; Igrejas de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas; Praças Rosa Andrade, do Pelourinho e 29 de Julho; Casas Monsenhor Celso, Brasília Itiberê e Cecy; Teatro da Ordem; Palacete Mathias Böhn; Clube Literário; Casario da Rua da Praia.

² Outras vilas fundadas no litoral sul do Brasil: São Vicente (1532), Santos (1545), Iguape (1577), Cananéia (1587), São Sebastião (1636), Ubatuba (1637), Paranaguá (1648), São Francisco do Sul (1660), Desterro (atual Florianópolis, 1666) e Laguna (1676).

Figura 2 - Delimitação prévia de espaço de paisagens em Paranaguá.



Fonte: Google Earth (2010). ORGANIZAÇÃO: O autor (2010).

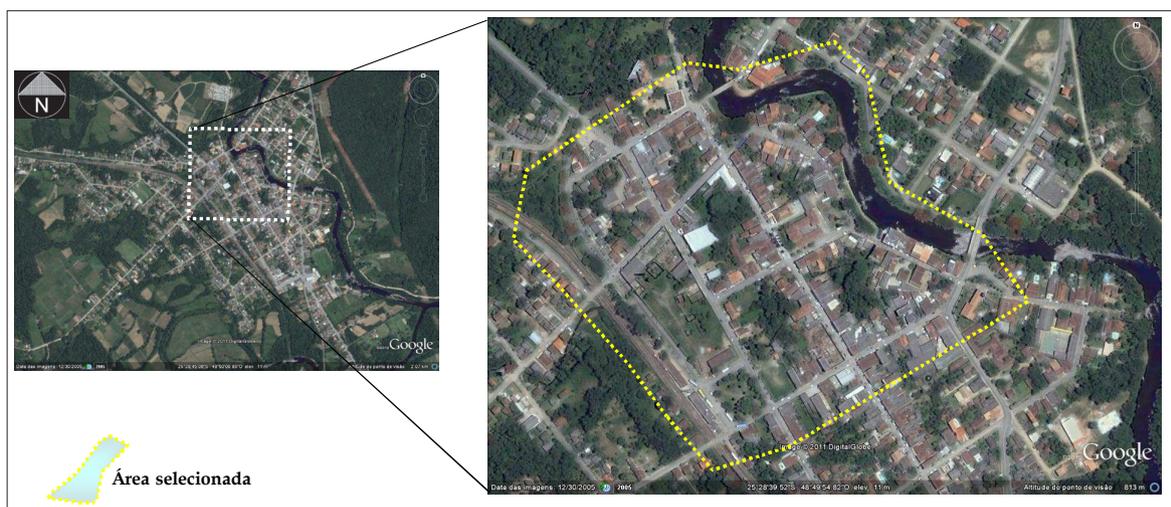
O segundo *espaço de paisagens* identificado é o centro histórico de Antonina, cuja história de fundação remonta ao século XVIII. A população total é de 18.891 hab, 16.063 hab na área urbana e 2.828 hab na área rural (IBGE, 2010). Assim como Paranaguá, Antonina é outro município cuja realidade funcional, construída historicamente e associada a especificidades naturais, o definem como portuário (ESTADES, 2003). Do mesmo modo que a vizinha Paranaguá, o *espaço de paisagens* na cidade de Antonina está referenciado no centro histórico (Figura 3). Em termos de destaque turístico, esta área é valorizada porque dispõe e projeta uma paisagem histórica, com monumentos históricos e religiosos, entre outros atrativos apresentados como objetos de fruição turística visual.

A poligonal que representa o *espaço de paisagens* em Antonina circunscreve: igrejas Nossa Senhora do Pilar e São Benedito; praças Feira-Mar e Coronel Macedo; edifício sede da Prefeitura Municipal; Teatro Municipal; Mercado Municipal; Fonte da Carioca.

Figura 3 - Delimitação prévia de *espaço de paisagens* em Antonina

Fonte: Google Earth (2010). Organização: O autor (2010).

O centro histórico de Morretes figura como outro *espaço de paisagens* do litoral do Paraná. Este município, cuja história remonta ao século XVIII, conta com população total de 15.718 hab, sendo 7.178 hab na área urbana e 8.540 na área rural (IBGE, 2010). Com esta delimitação, seleciona-se o terceiro *espaço de paisagens* referenciado por um centro histórico. Trata-se de uma paisagem exaltada na publicidade turística por conta da interação entre casario, Rio Nhundiaquara e Pico do Marumbi, além de monumentos e outros atrativos com perfil histórico apresentados como objetos de fruição turística visual. A delimitação do *espaço de paisagens* em Morretes (Figura 4) circunscreve: igrejas Matriz Nossa Senhora do Porto e São Benedito; Marco Zero; Teatro Municipal; Casa Rocha Pombo; Ponte Velha; Largos Lamenha Lins e José Pereira; Rua das Flores.

Figura 4 - Delimitação prévia de *espaço de paisagens* em Morretes

Fonte: Google Earth (2010). Organização: O autor (2010).

Com aproximadamente 3 km de extensão, a orla da Praia Brava de Caiobá é o quarto *espaço de paisagens* selecionado (Figura 5). Situa-se em Matinhos, município instalado oficialmente em 1968, após desmembramento de Paranaguá, com população total de 29.426 hab, sendo 149 hab em área rural.

Este quarto *espaço de paisagens* identificado é referenciado na orla da Praia Brava de Caiobá, arco praial que tem o Morro do Boi na extremidade sul e o Pico de Matinhos na extremidade norte. A orla de Caiobá possui especial destaque iconográfico na publicidade turística, com atenção voltada ao conjunto de paisagem que inclui a praia e o mar e a face beira-mar da cidade balneária, exaltada pela arquitetura, como área de lazer e ponto de encontro social. A delimitação desse *espaço de paisagens* circunscreve os seguintes atrativos: Morro do Boi; Pico de Matinhos; Avenida Atlântica; Calçadão; Casa do Artesanato e Praia Brava de Caiobá.

Figura 5 - Delimitação prévia de *espaço de paisagens* em Caiobá, Município de Matinhos



Fonte: Google Earth (2010). Organização: O autor (2010).

O quinto e último *espaço de paisagens* selecionado é a orla de Guaratuba (Figura 6), precisamente o trecho composto pelas praias das Pedras, Central e do Cristo, com aproximadamente 2,35km. Fundada do povoado São Luiz de Guaratuba da Marinha, em 1771, Guaratuba é outro município do litoral paranaense com perfil funcional e estrutura urbana de balneário. A população total é de 32.088 hab, sendo 28.793 hab a população urbana e 3.295 hab a população rural (IBGE, 2010).

Figura 6 - Delimitação prévia de *espaço de paisagens* em Guaratuba

Fonte: Google Earth (2010). Organização: O autor (2010).

Do mesmo modo que em Caiobá, este trecho da orla de Guaratuba é destaque na publicidade turística devido ao conjunto de paisagem projetado na interação da praia com a faixa urbanizada da beira-mar. O panorama principal em destaque na publicidade valoriza perspectivas sobre o conjunto de paisagem desta área, que inclui calçadão, serviços disponíveis, equipamentos de lazer (ex.: ciclovia). Aparece projetado também como área de intensa frequência social. A delimitação prévia do *espaço de paisagens* em Guaratuba circunscreve os seguintes atrativos: Avenida Atlântica; morros do Cristo – divisa com Balneário Brejatuba –, e Espia Barco; praias das Pedras, Central e do Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo comunicou e contextualizou resultados de pesquisa sobre a constituição fisionômica de espaços turísticos em cidades do litoral do Paraná que são objeto de visita dessa natureza. Demonstrou elementos de uma análise delineada pelo interesse de contextualização da paisagem, recurso fundamental na configuração desta tipologia espacial e para a perspectiva da cidade como objeto estético de fruição turística.

A operacionalização teórica a partir do constructo *espaço de paisagens* estimula uma abordagem diferenciada do espaço turístico, pois incorpora à paisagem premissas que a caracterizam como forma simbólica. Por extensão, abre outros campos para teorização desta tipologia espacial, principalmente aquelas mediadas pelo estudo da paisagem e das interfaces com a cidade. Tende com isso a aperfeiçoar a compreensão das relações estabelecidas entre paisagem, espaço turístico e cidade e ampliar o repertório de diagnósticos e processos de planejamento e gestão.

Percebe-se que o caminho adotado ameniza interpretações fragmentárias, derivadas de técnicas de leitura espacial atomizadas, como inventariação da oferta.

Não supera a natureza dessas interpretações, uma vez que a própria delimitação de *espaços de paisagens* segue parte dos resultados desses instrumentos e corresponde a recortes espaciais. Contudo, aponta para outras possibilidades de conhecimento teórico de tais temas em perspectivas mais abrangentes e consistentes.

Em que pese o fato de que os objetivos aqui enunciados tenham sido alcançados, a natureza sintética da presente comunicação de pesquisa limita a exploração de outros resultados e desdobramentos complementares da investigação, que serão explorados e publicizados em relatos posteriores.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BERNALDEZ, Fernando González. **Ecología y paisaje**. Madrid: H. BLUME, 1981.
- BOMBIN, Maria del Milagro Escribano. **El paisaje**. Madrid: MOPU, 1987.
- BOULLÓN, Roberto. **Planificación del espacio turístico**. Trillas: México, 1985.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- CERRO, F. L. **Técnicas de evaluación del potencial turístico**. Madrid: MICYT, 1993.
- CHEMIN, M. **Constituição fisionômica e identidade visual em espaços de paisagens: um estudo de caso múltiplo em cidades turísticas do litoral do Paraná**. (Tese) Doutorado em Geografia. UFPR, Curitiba, 2011.
- CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 13-74.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998b, 124 p, p. 92-123.
- ESTADES, Naina. Pierre. **O litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social** Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n. 8, p. 25-41, jul./dez. 2003.
- FOGASSA, Humberto. (Coord.). **Instrução do processo de tombamento do setor histórico de Paranaguá**. Curitiba: IPHAN/PR, 2007.
- IBGE. Cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 ago. 2011.
- JORDANA, J. C. C. **Curso de introducción al paisaje: metodologías de valoración**. España: Universidade de Cantábria, 1992.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- NOGUÉ I FONT, Joan. Paisaje y turismo. **Estudios Turísticos**, Madrid, n. 103, 1989.
- _____. Turismo, percepcion del paisaje y planificacion del territorio. **Estudios Turísticos**, Madrid, n. 115, 1992.
- PEARCE, Douglas. **Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.
- PIRES, Paulo dos Santos. A análise de indicadores da qualidade visual como etapa da caracterização de paisagens turísticas: uma aplicação no distrito-sede de Porto Belo – SC. **Turismo - Visão e ação**, UNIVALI, v.7, n. 3, 2005.
- SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e geografia. **Finisterra**, v. XXXVI, n. 72, 2001, p. 37-53.
- URRY, John. **O olhar do turista**. São Paulo: Nobel, 1996.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. A importância da paisagem. In: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 11-28.

_____. **Civilização urbana**: planejamento e turismo. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Saudades do futuro**: por uma teoria do planejamento territorial do turismo. São Paulo: Plêiade, 2009.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Recebido em 03/04/2012
Aceito para publicação em 25/05/2012